

O sofrimento do Eu nos poemas “Psicologia de um vencido” (1912), de Augusto Dos Anjos e “Eu” (1919), de Florbela Espanca

The Suffering of the I in The “Psychology Poems of a Winner” (1912), by Augusto dos Anjos and “Me” (1919), by Florbella Espanca

Marília Gomes Ghizzi Godoy¹

Taynan Gomes da Silva²

Resumo: A literatura manifesta o sofrimento de vários poetas ao longo da história. Nesse sentido, o Eu sofredor é um tema recorrente na obra de dois grandes poetas: o brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914) e a portuguesa Florbela Espanca (1894-1930). Foram selecionados, para este trabalho, dois poemas dos autores, respectivamente, “Psicologia de um vencido” (1912) e “Eu” (1919). Assim, com o objetivo de analisar como se apresenta o sofrimento do Eu nestes poemas, busca-se, por meio de uma análise comparativa descritiva, compreender o seu conceito, bem como as suas características estilísticas em cada um dos poetas. Para tanto, por meio de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, baseia-se o estudo do poema em Candido (2006) e a conceituação de sofrimento em Schopenhauer (2001), tratando, primeiramente, de questões da modernidade e do sofrimento do Eu para, posteriormente, realizar as análises. Dessa forma, constata-se que o sofrimento do Eu é manifestado em tom confessional na estrutura de soneto, com predomínio de rimas pobres, em relação ao Outro e a si próprio. Em “Psicologia de um Vencido”, o eu-lírico profundamente pessimista, sofre com a insatisfação do desejo de livrar a sociedade e a si mesmo da podridão em que se encontram e em Eu, por meio de uma descrição negativa, o sujeito sofre com a insatisfação do desejo de obter compreensão e significação na vida de alguém e de si mesmo. Portanto, nota-se que há, tanto no brasileiro quanto na portuguesa, a negatividade do Eu referente a si mesmo e ao seu determinado Outro, assim como visão pessimista acerca do mundo.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos; Florbela Espanca; Eu; Sofrimento.

Abstract: Literature manifests the suffering of several poets throughout history. In this sense, the suffering self is a recurring theme in the work of two great poets: the Brazilian Augusto dos Anjos (1884-1914) and the Portuguese Florbela Espanca (1894-1930). For this work, two poems by the authors were selected, respectively, Psychology of a Loser (1912) and I (1919). Thus, in order to analyze how the suffering of the "I" is presented in these poems, we seek, through a descriptive comparative analysis, to understand the concepts, as well as the poets' stylistic characteristics. For this, through a qualitative bibliographic research, the study of the poem is based on Candido (2006) and the concept of suffering in Schopenhauer (2001), dealing first with issues of modernity and the suffering of the self to, later, perform the analysis. In this way, it is observed that the suffering of the "I" is manifested in a confessional tone in the sonnet structure, with a predominance of poor rhymes, in relation to the Other and to oneself: in Psychology of a Loser the "I", deeply pessimistic, suffers with the dissatisfaction of

¹ Doutorado em Psicologia (PUC- SP) e professora Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro (UNISA). E-mail: mgggodoy@yahoo.com.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5747-2354>

² Graduada em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). E-mail: taynan1w@estudante.unisa.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0773-8692>

the desire to free society and oneself from the rot in which they find themselves and in I, through a negative description, the subject suffers with the dissatisfaction of the desire to obtain understanding and meaning in someone's life and oneself. Therefore, it is noted that there is, both in the Brazilian and in the Portuguese, the negativity of the "I" referring to himself and to his determined Other, as well as the pessimistic view about the world.

Keywords: Augusto dos Anjos; Florbela Espanca; I; Suffering.

1 Introdução

A literatura, como uma das maiores formas de expressão humana, em especial a poesia, manifesta o sofrimento de vários poetas ao longo da história. Uma vez que a sociedade moderna, como a pós-moderna, foca no eu, no individual em detrimento do social, a arte literária explorou intensamente essa temática, que vinha sendo desenvolvida desde o Romantismo (século XVIII-XIX). Por isso, o estudo do poema, que possui uma vasta produção direcionada à declaração de sentimentos por parte do Eu, é crucial para compreender a complexidade do sofrimento humano, o impacto que este gera na dimensão do Eu e seu papel literário e social.

Nesse sentido, o Eu sofredor, seja em relação ao outro ou a ele próprio, é um tema recorrente na obra de dois grandes poetas: o brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914) e a portuguesa Florbela Espanca (1894-1930). Foram selecionados, para este trabalho, dois poemas dos autores, respectivamente, *Psicologia de um vencido* (1912) e *Eu* (1919). Assim, com o objetivo de analisar como se apresenta o sofrimento do Eu nestes poemas, busca-se, por meio de uma análise comparativa, compreender os seus conceitos, bem como as características estilísticas dos poetas. Para tanto, por meio de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, baseia-se o estudo do poema em Candido (2006) e a conceituação de sofrimento em Schopenhauer (2001), tratando, primeiramente, de questões da modernidade e do sofrimento do Eu para, posteriormente, realizar as análises.

Por meio dos sentidos subjetivos dos poemas o tema do amor como fundamento humano, coletivo, voltado ao outro é representado pelo sofrimento. O eu recria-se em direção a um vazio, ao nada. As narrativas de dor encantam o cenário do domínio poético analisado centralizando-se na existência humana como expressão de uma angústia infinita, contínua, retratando-se a própria condição da vida. A vida configura-se na arte em direção a finitude que cerca o processo evolutivo do ser humano. O comando mágico dos personagens, de outros que os cercam origina-se retratando-se nas palavras que projetam a finitude do ser. O ser autor é

também o próprio personagem dramático que se reproduz no seu próprio drama de sofrimento, uma vontade trágica, emancipadora da ficção negativa de si mesmo. A felicidade pontua o mistério vivenciado coesamente nos negativismos rítmicos eles mesmos em busca de sua própria visão do mundo, a construção subjetiva das narrativas. Os conteúdos dos poemas caminham da tortura, da morte, sua direção do sofrimento, ostentando-se o poeta no itinerário humano de um fio que conduz a obra de arte. Compreende-se, parafraseando Edgar Morin (1973, p.25-26), o enigma humano centralizado no despertar do mito e da magia diante da finitude avassaladora da vida, recria-se neste artigo como um dom que une os leitores, os poetas e os eus-líricos.

2 Questões da Modernidade

Historicamente, o período entre o século XIV e a primeira metade do século XX foi um dos mais decisivos para a humanidade. O Renascimento (séc. XIV-XVII), a Revolução Industrial (séc. XVIII-XIX), a Primeira (1914-1918) e a Segunda (1939-1945) Guerra Mundial, diversos acontecimentos desse momento fomentaram o que hoje se denomina Modernidade. Marcada pelo cientificismo e pelo antropocentrismo, na Modernidade, o racionalismo foi elevado ao seu ápice de tal forma que o único conhecimento considerado legítimo era o que provinha da ciência, baseado em fatos observáveis. Esse é o princípio por excelência da corrente filosófica do Positivismo (1840), fundada por Augusto Comte, que dominou o pensamento moderno europeu (ARANHA; MARTINS, 1986). Nesse sentido, a ideia de progresso do mundo moderno está ligada ao desenvolvimento científico e racional que era tido como a única forma de salvação humana.

Ainda na cultura moderna, iniciou-se um dos fenômenos que rege a pós-modernidade: o individualismo. Com seus primeiros traços no Romantismo (séc. XVIII-XIX), a ideologia individualista está relacionada ao reconhecimento do ser humano como indivíduo soberano em sua conexão consigo, com os outros e com o mundo, sendo, desse modo, o gestor de suas relações (LIPOVETSKY, 2005). Diferente de egoísmo, é uma exigência da sociedade moderna que já caminhava para a globalização, para o consumismo e para a heterogeneidade social, características pós-modernas (segunda metade do séc. XX até os dias atuais) ou, de acordo com o filósofo francês Lipovetsky, hipermodernas, que, efetivamente, o legitimam. Portanto, seu conceito remete à liberdade (LIPOVETSKY, 2005).

Para o pensador político francês Alexis de Tocqueville, “o individualismo é um sentimento refletido e tranquilo, que dispõe cada cidadão a se isolar da massa de seus semelhantes e a se retirar isoladamente com sua família e seus amigos [...]” (TOCQUEVILLE, 2000, p. 119). Segundo seu pensamento, o individualismo floresce com a democracia e dela se alimenta. A sociedade democrática trouxe independência, liberdade e poder àqueles que antes não possuíam, entretanto, dos aristocráticos retirou a superioridade de que dispunham sobre as demais camadas sociais. Em ambas as situações, Tocqueville aponta que a democracia promoveu o distanciamento, centro do individualismo. Tal qual Lipovetsky, o autor diferencia-o de egoísmo, mas vai além ao afirmar que este é, verdadeiramente, uma consequência do isolamento decorrente do individualismo (TOCQUEVILLE, 2000). No entanto, mesmo antes da democracia, esse fenômeno já ocorria e se manifestava expressivamente na literatura, visto que ela é espelho e espelha a sociedade.

Logo, partindo dessas perspectivas, apreende-se que o individualismo é um dos principais moldes do Eu moderno, isto é, voltado para si, para suas necessidades, relações e, como foco deste trabalho, para seu sofrimento.

3 O sofrimento do eu

O contexto individualista, científico e antropocêntrico dos séculos XIX-XX resultou em uma expressiva produção poética centrada no eu-lírico. Entendido como a voz que fala no poema, o eu-lírico, também chamado de sujeito-lírico, o qual será mencionado nesse estudo como Eu, é uma identidade assumida pelo poeta no momento da escrita, uma construção (BRISOLARA; MEDINA, 2014). Para Combe, a gênese do conceito de “sujeito lírico” é, [...], inseparável da questão das relações entre literatura e biografia, e do problema da “referencialidade” da obra literária. [...] O poeta lírico não se opõe tanto ao autor quanto ao autobiógrafo como sujeito da enunciação e do enunciado (COMBE, 2010, p. 120).

Na poesia, diferente da prosa, há uma forte tendência de associar o Eu ao poeta, considerando-os como uma só voz. No entanto, “[...] o eu-lírico e o autor são seres diferentes, mas mantêm entre si laços de intimidade. Um precisa do outro” (BRISOLARA; MEDINA, 2014, p. 6), em outras palavras, não se pode pensar em um Eu dissociado do poeta, o eu-empírico, nem em um poeta dissociado de seu Eu, pois, ambos se complementam. Nesse cenário, assume-se que o Eu só se determina na presença do Outro, [...] com maiúscula, [...]

ampliando as possibilidades de seu sentido, [...] desde o âmbito confinado da individualidade àquele que se estende a domínios mais abrangentes e incapturáveis, o Outro é essa instância cujo modo de ser é o próprio devir e, assim como o Eu, propõe-se como identidade móvel, permutável, em busca de afirmação (DIAS; OLIVEIRA; PITER, 2010, p. 9).

Isto posto, na poesia de Augusto dos Anjos, o Outro é representado, sobretudo, pela humanidade e, na de Florbela Espanca, pela sociedade e pela figura masculina, revelando-se uma tendência confessional no que tange a expressão de sentimentos como o sofrimento.

Na visão pessimista do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (2001), cujas ideias se desenvolveram e ganharam força nos séculos XIX-XX, o sofrimento é o resultado da não satisfação da Vontade, um impulso insaciável que move os sujeitos, a essência da vida. Portanto, para ele, a vida é sofrimento, sendo a felicidade apenas uma interrupção momentânea entre o sofrer e o tédio causado pela falta de desejo (Vontade), ou seja, a Vontade gera desejos que, quando não satisfeitos, resultam no sofrimento, quando satisfeitos, resultam na felicidade e, quando não existem, suscitam tédio. Assim, o ser humano é o ápice da Vontade e, conseqüentemente, do sofrimento.

Segundo Schopenhauer (2001), visto que os homens são os únicos que possuem consciência de sua finitude e conseqüente ida em direção ao nada (morte), a vida não tem sentido, sendo o sofrimento inerente a todos os seres.

Do mesmo modo, todo sofrimento resulta de uma desproporção entre aquilo que desejamos ou esperamos e o que podemos obter, desproporção que só existe por causa do conhecimento e que uma visão mais justa poderia suprimir (SCHOPENHAUER, 2001, p. 111).

Logo, uma das formas de escapar desse sofrimento seria a negação da existência, pois, se antes renunciar a sua condição de ser algo, a humanidade não mais se angustiará com o futuro que, sem dúvida, a aguarda. Nessa concepção, a negação é feita, principalmente, por meio da fruição artística, por isso, a arte seria uma maneira de atenuar o sofrimento do homem (SCHOPENHAUER, 2001).

4 Augusto dos Anjos (1984-1914)

Descrito pelo estudioso e crítico literário Alfredo Bosi como “o mais original dos poetas brasileiros entre Cruz e Sousa e os modernistas” (BOSI, 1994, p. 277), Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, professor e advogado, nasceu na Paraíba, no Engenho do Pau

D'Arco, em 1884, e faleceu em 1914, aos 30 anos, em Minas Gerais, vítima de uma pneumonia decorrente de tuberculose. Desde a vida uterina, na qual sua mãe, Córdula Carvalho Rodrigues dos Anjos, perturbou-se, permanentemente, pela morte de um irmão, Augusto dos Anjos sofreu com as nevroses que manifesta em sua poética (ALMEIDA, 1962).

A criação rígida e católica, focada nos estudos, marca a infância de Augusto dos Anjos. Muito se especula sobre sua biografia, mormente na adolescência, período em que escreveu importantes poemas como *Monólogo de uma Sombra*, buscando explicações para a excentricidade do poeta. Nesse contexto, o historiador paraibano Horácio de Almeida (1970) trabalha com a incidência de um caso amoroso, aos 16 anos, que terminou tragicamente com a morte da amada, como uma das principais causas de sua dor “o rapaz sofreu com esse fato um transtorno psíquico, que o deixou sombrio para todo o sempre” (ALMEIDA, 1970, p. 13).

Assim, sua poesia é a expressão de uma alma angustiada, caracterizada, sobretudo, pelo materialismo (concepção na qual a matéria é a substância única e fundamental de que se origina toda a existência), pelo cientificismo (vocabulário científico), pela metafísica (uma cosmovisão na qual “Augusto dos Anjos centrava, de modo obsedante, no ser humano, todas as energias do universo que se teriam encaminhado para a construção desse mistério que é o ‘eu’” (BOSI, 1994, p. 278) e pelo pessimismo (notadamente na influência de Schopenhauer). Na Faculdade de Direito de Recife, na qual estudou, teve contato com diversas teorias europeias que se misturavam na construção do pensamento filosófico nacional. Dessa forma, incorporou, em especial, traços materialistas em relação à existência e positivistas no que se refere à afirmação exacerbada da ciência (ALMEIDA, 1962), embora vá além ao abordar a esfera cósmica. O poeta também é associado ao evolucionismo de Spencer (evolução social a partir das organizações mais primitivas até as mais civilizadas) e ao monismo de Haeckel (redução de todos os fenômenos a um único princípio, ligado ao materialismo) (ALMEIDA, 1962). Entretanto, para Bosi, a postura existencial do poeta lembra o inverso do cientismo: uma angústia funda, letal, ante a fatalidade que arrasta toda carne para a decomposição. E já não será lícito falar em Spencer ou em Haeckel para definir a “cosmovisão”, mas no alto pessimismo de Arthur Schopenhauer, que identifica na vontade-de-viver a raiz de todas as dores (BOSI, 1994, p. 279).

Augusto dos Anjos é famoso pela visão pessimista referente a si próprio, ao Outro e ao mundo. Facilmente reconhecíveis, são recorrentes em seus poemas palavras como “podridão”, “peçonha”, “escarro”, “putrefação”, “desgraça”, “sepulcro”, consideradas

antipoéticas. Tratando-se do léxico, trabalha, ainda, com o cientificismo, no qual convoca a biologia, a anatomia, a química, dentre outras áreas da ciência, para externar seu sofrimento, tais como em “clavícula”, “abdômen”, “intracéfálica”, “bacteriologia” e com as proparoxítonas, cuja rima entre si é denominada esdrúxula, pouco comum na poesia, a exemplo de um verso de Monólogo de uma Sombra que é formado unicamente por essa categoria de palavras “Pólipo de recônditas reentrâncias” (ANJOS, 1998, p. 123).

Desse modo, a autêntica estilística de Augusto dos Anjos não permite que o poeta se encaixe em uma determinada escola literária. Consequentemente, “[...] ora é classificado como poeta simbolista ora pré-modernista nos manuais de literatura” (SOUSA, 2014, p. 58).

5 O sofrimento do Eu em *Psicologia de um vencido* (1912)

Poeta de um só livro, intitulado primeiramente como *Eu* (1912) e posteriormente modificado para *Eu e Outras Poesias*, Augusto dos Anjos entrega poemas fortes e inestimáveis para a literatura brasileira como “O Morcego”, “Versos Íntimos” e o objeto desse estudo:

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!
(ANJOS, 1998, p. 5).

Fundamentando com *O estudo analítico do poema* de Candido (2006, p.16):

Num texto literário há essencialmente um aspecto que é tradução de sentido e outro que é tradução do seu conteúdo humano, da mensagem através da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem

A análise dos poemas, tanto esse quanto o próximo, pauta-se em dois momentos: 1. os comentários, isto é, estudo de aspectos exteriores ao poema, bem como de aspectos interiores ligados à organização formal e a estrutura fônica e semântica; 2. a interpretação, aprofundamento na estilística do poema, relacionando-o a outras áreas do saber para, assim, explicitar o que há em sua tecitura.

Nesse contexto, *Psicologia de um Vencido*, um dos poemas mais famosos de Augusto dos Anjos, é um soneto italiano, (dois quartetos e dois tercetos), composto por versos decassílabos com o esquema de rimas ABBA ABBA CCD EED. Para o leitor/ouvinte, a primeira apreensão da arte poética é o sentimento e a segunda é o ritmo, no qual se encontra o estilo de um poeta ou de um período, composto, especialmente, pelas rimas (CANDIDO, 2006). Sendo assim, o principal sentimento manifestado nesse poema é o sofrimento do Eu que, enojado com o mundo, mantém uma postura pessimista em relação a si e ao Outro, entendido como a humanidade.

Quanto ao ritmo, nota-se, claramente, a preferência por proparoxítonas, já que os nove primeiros versos são terminados com essa categoria de palavras, o que caracteriza todas as rimas das duas primeiras estrofes como esdrúxulas, e outras ocorrências como a superproparoxítona “profundissimamente”. Além disso, Augusto dos Anjos trabalha, em sua maioria, com rimas pobres (entre classes gramaticais iguais) como em “repugnância” e “ânsia”, dois substantivos, todavia, apresenta uma rima rica (entre classes gramaticais diferentes) em “amoníaco”, um adjetivo, e “zodíaco”, um substantivo, e uma rima rara entre a forma verbal “roê-los” e o substantivo “cabelos”. O vocabulário científico faz-se presente em “carbono”, “amoníaco”, “epigênese”, “hipocondríaco”, “cardíaco” e “inorgânica”.

Marcado pelo pessimismo, o título do poema estabelece o quadro psicológico do Eu que nele se expressa, um homem vencido pela repugnância do mundo, ficando submisso à morte, única certeza da vida, fim inevitável de todos os seres (MICHELETTI; IGNEZ, 2014). Isto posto, “o ser humano é reduzido à sua essência orgânica [...], sendo a decomposição de seu corpo o seu destino” (MICHELETTI; IGNEZ, 2014, p. 60).

Descrevendo-se como “[...] filho do carbono e do amoníaco”, alude ao materialismo científico, visto que o carbono é o segundo maior constituinte do corpo humano (19%), fundamental no ciclo da vida, tal como o amoníaco, um dos principais componentes dos fertilizantes, que revolucionou a agricultura no século XX. No entanto, o amoníaco possui, ainda, outra significação, pois, é um dos resultados da decomposição do corpo, remetendo,

desse modo, à morte, à podridão e à putrefação (MICHELETTI; IGNEZ, 2014). Por conseguinte, essa construção adquire uma carga de antítese, à medida em que traça um confronto entre a vida, o carbono e o amoníaco como fertilizante, e a morte, o amoníaco como resultado da decomposição. Portanto, o Eu considera-se “filho da matéria, [...] um átomo podre, doente” (MICHELETTI; IGNEZ, 2014, p. 62).

Em “Monstro de escuridão e rutilância”, outra antítese do poema, na qual se associa escuridão e brilho ao monstro, conclui-se que a luminosidade não é capaz de extinguir a monstruosidade que o forma, pelo contrário, serve para ressaltá-la. “[...] o brilho intenso do eu não possui a função de libertá-lo de sua condição, mas de submeter aquele que lê à presença e à visão de sua figura desagradável, repugnante” (MICHELETTI; IGNEZ, 2014, p. 62).

Ao dizer “Sofro, desde a epigênese da infância/A influência má dos signos do zodíaco”, o poeta atribui ao sofrimento uma condição de inerente à vida, visto que usa o termo “epigênese”, uma teoria da formação humana, relacionando-o a infância, a primeira, e talvez a mais importante, fase do desenvolvimento de um indivíduo, fazendo referência a sua biografia, na qual se relata que sofreu desde os percalços da etapa uterina. Nessa concepção, mais uma vez Augusto dos Anjos aproxima-se de Schopenhauer, já que o filósofo concebe a vida como sofrimento.

A repulsa que o Eu sente pelo mundo está marcada na segunda estrofe. Ao declarar-se como “profundissimamente hipocondríaco”, inscreve em si o medo intenso e prolongado daqueles que são obcecados pela ideia de ter uma doença grave não diagnosticada causada pelo ambiente que lhe dá repugnância. Justamente por ser hipocondríaco, sente-se sintomático da podridão humana, anunciando: “Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia/ Que se escapa da boca de um cardíaco”. Por meio da invocação da imagem do cardíaco, aquele que traz o coração, símbolo da subjetividade, adoecido, “[...] entende-se que [o coração do Eu] só carrega sentimentos ruins que o fazem adoecer” (MICHELETTI; IGNEZ, 2014, p. 62).

O verme, “operário das ruínas”, é um tema recorrente na poética de Augusto dos Anjos, bem como outros organismos do reino monera e do reino protista, tais quais as bactérias e os protozoários. Tido como o agente da morte, a materialização dessa, efetuando a decomposição do corpo, pois, come o sangue podre das carnificinas, o verme é o inimigo da vida, a lembrança de sua finitude que, no final, deixará apenas os cabelos. O fato de os olhos serem os primeiros mencionados como alvo dos vermes é bastante significativo, uma vez que são os responsáveis pela visão, o sentido pelo qual mais se percebe a dinâmica social.

Dessa maneira, em consonância com o pensamento de Schopenhauer, o Eu de Psicologia de um Vencido canta, em seus versos pessimistas, o sofrimento de sua existência angustiada que está fadada ao nada (BOSI, 1994). Da mesma forma que o filósofo, concebe a vida como sofrimento, da infância até a morte, material, concretizada pela ação do verme que:

[...] até pode representar a solução para a podridão moral, mas nota-se que o enunciador não pensa em transcendê-la, pois seu destino é permanecer na frialdade inorgânica da terra, que não o acalenta, não liberta totalmente (MICHELETTI; IGNEZ, 2014, p. 63).

Ao tomar o mundo e a si próprio como perdidos, sem salvação, considerando-os doentes, constata-se que seu sofrimento vem da insatisfação do desejo de livrar a sociedade e a si mesmo da podridão em que se encontram. “O poema trata, portanto, do adoecimento crônico da humanidade, que, na visão do enunciador, é desprovida de ações nobres e de espiritualidade” (MICHELETTI; IGNEZ, 2014, p. 62).

5 Florbela Espanca (1894-1930)

Flor Bela Lobo (1894-1930) que se automeia como Florbela d'Alma da Conceição Espanca, (Vila Viçosa, Portugal), é filha de Antônia Conceição Espanca e João Maria Espanca. Dado que a esposa de João Espanca não podia ter filhos, ele se relacionou com Antônia e teve Florbela e seu irmão, Apeles, sendo que ambos foram criados pelo pai e pela madrasta, constando em seus registros “filho ilegítimo de pai incógnito” (DAL FARRA, 1977).

Poeta, tradutora, contista, Florbela Espanca foi uma mulher revolucionária para a época em que viveu, na qual já se avistavam prelúdios da modernidade, embora esta ainda estivesse sobre o domínio da moral religiosa e, no plano político, fosse ameaçada pela ditadura salazariana e a consequente censura artística.

Sua poesia inicial é marcada pelo tom confessional e sentimental, tratando de temáticas como amor, sofrimento, solidão, desejo inalcançável de felicidade e plenitude (DAL FARRA, 1977). Assim como Augusto dos Anjos, Florbela Espanca não pertence a nenhuma escola literária, sendo ora estudada como integrante da geração Orpheu, primeira modernista portuguesa, ora do Interregno, intervalo entre àquela e o Presencismo, segunda geração, com influências simbolistas (DAL FARRA, 2016; SOUSA, 2014). Pelos casamentos e divórcios, pela relação com o irmão, o qual a morte, em 1927, abalou-a muito, pela condição de mulher e temas abordados, a poeta foi inicialmente rejeitada. Recebendo diversas críticas negativas, suas

produções sofreram com o esquecimento durante boa parte do século XX (MAGALHÃES, 1999).

O feminino é o elemento mais presente em sua poética. Utilizando vivências da mulher como componente principal, os poemas de Florbela Espanca passam pelas belezas e mazelas do universo feminino, inclusive pelo erotismo.

Trata-se de igual reflexão acerca dessa verdade histórica: o fato de, como apêndice social do homem, ela carecer de uma identidade própria, independente da que ele lhe outorga. Observe-se, pois, como os passos que Florbela adota na travessia poético-amorosa têm o pendor de questionar os papéis culturais oferecidos à mulher, enquanto regras do pacto social. (DAL FARRA, 1977, p. 35).

Dessa forma, há, em sua poesia, a voz de múltiplas mulheres em seus mais variados papéis sociais (polifonia), representação da subjetividade feminina feita por uma mulher, uma conquista para a literatura do século.

De acordo com Klobucka (1993), a poeta passa pelo processo de mitificação de uma personagem literária, ou seja, não há uma diferenciação entre sua identidade enquanto escritora e sua identidade como personagem ficcional, igualando-a, por exemplo, ao Eu de seus poemas. Nesse sentido, Florbela Espanca converte a vida em arte, procedimento que ocorre por meio de uma persona, um sujeito social inventado para preencher o vazio biológico com o qual todos nascem (COSTA LIMA, 1991), que assumi como identidade, misturando o sujeito lírico ou ficcional com o sujeito empírico, real, o que resulta na mitificação.

A persona não nasce do útero senão que da sociedade. Ao tornar-me persona, assumo a máscara que me protegerá de minha fragilidade biológica (COSTA LIMA, 1991, p. 43).

6 O sofrimento do Eu (1919)

O Livro de mágoas (1919), primeiro da autora, do qual esse poema faz parte, no geral, apresenta um Eu caracterizado pelo sentimento de incompletude, declaração de solidão e desencontro com o amor (GIAVARA, 2015).

Eu

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada ... a dolorida ...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!

Sou aquela que passa e ninguém vê
Sou a que chamam triste sem o ser
Sou a que chora sem saber porquê

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

(ESPANCA, 1978, p. 2).

“Eu”, assim como “Psicologia de um Vencido”, é um soneto italiano, composto por versos decassílabos, especialidade de Florbela Espanca, com o esquema de rimas ABBA ABBA CDC EDE. Em sua estrutura, há a presença marcante da figura de linguagem anáfora, repetição da construção inicial dos versos, em “Eu sou a”, “Sou”, “Sou a” e “E que”; dos catorze versos, apenas quatro são únicos.

O sofrimento do Eu, principal sentimento manifestado nesse poema, está assinalado na descrição negativa de si e no sentimento de desconexão com o mundo. Acerca do ritmo, observa-se uma grande variedade de rimas compostas, maiormente, por paroxítonas e oxítonas pertencentes à classe dos verbos, das conjunções, dos substantivos e dos adjetivos. A poeta trabalha, majoritariamente, com rimas pobres, figurando em sua tecitura apenas duas ricas: entre a forma verbal “vê” e a conjunção “porquê” e entre o adjetivo “forte” e o substantivo “morte”.

O eu-lírico desse poema, “para se compreender como sujeito, [...] busca elementos de construção na história, no mundo da imaginação e da fantasia, no encontro com o Outro” (SOARES, 2013, p. 222), pois, sente-se perdido, desconectado do mundo. As ideias de incorporalidade, fraqueza e invisibilidade aparecem, sobremaneira, no verso “Sombra de névoa ténue e esvaecida”, no qual todas as palavras reforçam esses sentidos, posto que “sombra” e “névoa” são existências sem forma, característica intensificada pelos adjetivos “ténue” e “esvaecida” que adicionam a significação do fraco e do invisível. Assim, sem conseguir alcançar a materialização, o Eu se refugia no Sonho (com inicial maiúscula, personificando-o, o que remete ao Simbolismo), do qual é irmã pela imaterialidade e invisibilidade para o Outro que pode ser tanto a sociedade quanto a representação masculina, o amado (SOARES, 2013).

Nessa sequência, no último verso da estrofe, estabelece um contraste entre sua característica etérea, de Sonho, e a realidade do Outro que a constitui, crucificando-a.

O eu-lírico que se apresenta [...] não é meramente um eu ficcional. Ao formular poeticamente usou aquela, [...] A definição do eu que enuncia sustenta nos sentidos que constituem o Outro, apagando-se enquanto tal para que esse Outro assuma o espaço de constituição do eu (SOUZA, 2015, p. 28).

No segundo e no terceiro verso da segunda estrofe, há a confirmação da fraqueza do Eu na antítese formada com o destino, “amargo, triste e forte”, que a impele para a morte, sendo esta, vista como um fim inevitável, fora de seu alcance modificar. Nas passagens, “Alma de luto sempre incompreendida! ...” e “Sou a que chamam triste sem o ser .../ Sou a que chora sem saber porquê ...”, o Eu expressa seu sofrimento com a incompreensão, nas duas primeiras referentes ao Outro que não a compreende e na última referente à falta de compreensão que tem sobre si mesma.

Pode-se afirmar que o Eu em Florbela Espanca se abre para o vazio em cada eu sou que se repete, como sintoma da falta e da incompletude constitutivas do sujeito, precisando ser (re)afirmado a todo tempo (SOUZA, 2015, p. 28).

Logo, diante de seu caráter incorpóreo e invisível, a única possibilidade do Eu ser notado por “Alguém” (o Outro) é por meio do sonho, mas, a falta de matéria impossibilita-o de concretizar uma relação de significação entre os sujeitos.

O aparecimento de “Alguém” propicia a transformação do que é invisível, incorpóreo, em um ser de carne e osso, que fosse importante e significativo para alguém. O desfecho fatal da oportunidade que se vislumbra nessa estrofe ocorre no último verso “E que nunca na vida me encontrou”. Por conseguinte, não há a menor chance de transformar o que é invisível, imaterial em corpo material que pode significar algo para alguém (SOARES, 2013, p. 226).

Nesse sentido, o poema está centrado em quatro características principais: a incorporalidade (ou imaterialidade), a invisibilidade, a fraqueza e a incompreensão. Dessa maneira, à luz da filosofia de Schopenhauer, o sofrimento no Eu desse soneto, uma confissão na qual “a negação é o que predomina na constituição do sujeito” (SOARES, 2013, p. 224), é considerado intrínseco a sua existência e advém da insatisfação do desejo de ser compreendida e significativa para Alguém.

Considerações Finais

No contexto do final do século XIX e começo do século XX, marcado pelos sentidos da modernidade, como o Positivismo de Comte e o Pessimismo de Schopenhauer, e influenciado pelo individualismo, os poetas contemporâneos Augusto dos Anjos e Florbela Espanca utilizaram o sofrimento do Eu como expressão literária de suas obras. Apreende-se que ambos estiveram à frente de seu tempo, Augusto dos Anjos inovando e chocando com seu vocabulário e temáticas, e Florbela Espanca transgredindo e superando o lugar e as convenções sociais para uma mulher de sua época. Em termos estilísticos, verifica-se que predomina a forma do soneto italiano, o uso de rimas pobres e o trabalho com as palavras que lhes confere um ritmo capaz de materializar, sonoramente, o sofrimento que neles se instaura. Nos poemas analisados, constata-se que o Eu sofredor manifesta esse sentimento, com tom confessional, em relação ao Outro e a si próprio, sendo que em *Psicologia de um Vencido*, profundamente pessimista, conversa consigo e com a humanidade, ambos doentes com a podridão do mundo, sofrendo com a insatisfação do desejo de libertá-la e libertar-se desse mal e em *Eu confessa a si e a sociedade/figura masculina*, por meio de uma descrição negativa, que é incorpóreo, invisível, fraco e incompreendido, sofrendo com a insatisfação do desejo de obter compreensão e significação na vida de alguém. Portanto, nota-se que há, tanto no brasileiro quanto na portuguesa, concretizados em suas poéticas autênticas e poderosas, a negatividade do Eu referente a si mesmo e ao seu determinado Outro, bem como o pessimismo a respeito do mundo.

A dimensão subjetiva e comprometida consigo mesmo nas análises realizadas, despertam para um novo mundo de valores que se tornou vigente em meados do século. Mundo que se expressa pela crescente valorização do individualismo e de representações expressivas das diferentes condições humanas.

Referências

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ALMEIDA, Horácio de. **As Razões da Angústia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Gráfica Ouvidor, 1962.

ALMEIDA, Horácio de. **Augusto dos Anjos: um tema para debates**. Rio de Janeiro: Apex Gráfica e Editora Ltda, 1970.

ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cultrix, 1994.

BRISOLARA, Valéria Silveira; MEDINA, Roberto. **Poesia e autoria**: a voz que fala no eu-lírico. In: Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação do Uniritter, 10., 2014, Porto Alegre. Diversidade, Empreendedorismo, inovação e transformação. Porto Alegre: UNIRITTER, 2014.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

COMBE, Dominique. A referência desdobrada: o sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. Tradução de Iside Mesquita e Vagner Camilo. **Revista USP**, São Paulo, n. 84, p. 112-128, dez./fev. 2009-2010.

COSTA LIMA, L. **Persona e sujeito ficcional**. In: Pensando nos trópicos: dispersa demanda II. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DAL FARRA, Maria Lúcia. O vazio feminino do Orpheu: Violante, Cecília, Maria José, Judith, Florbela e Ophélia. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, Curitiba, n. 11, p. 13-34, dez. 2016.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Estudo Introdutório, Organização e Notas. In: ESPANCA, Florbela. **Poemas**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

DIAS, M. H. M.; OLIVEIRA, S. H.; PITER, R. (orgs.). **A literatura do Outro e os Outros da literatura**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ESPANCA, Florbela. **Sonetos**. Amadora, Portugal: Bertrand, 1978.

GIAVARA, S. M. **Poéticas Interditas: erotismo, subversão e repúdio em Florbela Espanca e Judith Teixeira**. 2015. 223 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

KLOBUCKA, Anna. **O Formato Mulher**: as poéticas do feminino na obra de Florbela Espanca, Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria Teresa Horta e Luiza Neto Jorge. Harvard University, 1993.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 2005.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. **Rima pobre**: poesia portuguesa de agora. Editorial Presença, 1999.

MICHELETTI, Guaraciaba; IGNEZ, Alessandra Ferreira. Augusto dos Anjos: um Eu em conflito. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 35, p. 47-67, jul./dez. 2014.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SOARES, Marly Catarina. **A representação do eu na poesia florbeliana**. In: IV Congresso Internacional de Letras, 4., 2013, Buenos Aires. Anais, Buenos Aires: Universidade de Buenos Aires, 2013.

SOUSA, Marcio Jean Fialho de. Decadência e angústia: marcas da modernidade nas obras de Florbela Espanca e Augusto dos Anjos. **Revista Moinhos**, Tangará da Serra, v. 4, n. 4, p. 57-65, 2014.

SOUZA, Catiane Vieira. O Eu em Florbela Espanca: sujeito e autoria. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, Cáceres, v. 8, n. 2, p. 25-30, dez. 2015.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América II**: sentimentos e opiniões. São Paulo: Martins Fontes, 2000.